

G E O R G E O R W E L L

Quinta dos Animais

(ou O Triunfo dos Porcos)

CAPÍTULO 2

Três noites depois, Major morreu serenamente enquanto dormia. O seu corpo foi enterrado no pomar.

Isto aconteceu no início de março; os três meses seguintes foram repletos de secretismo. O discurso de Major tinha oferecido aos animais mais inteligentes da quinta uma visão totalmente diferente da vida. Não sabiam quando a Revolta profetizada por Major viria a acontecer, nem tinham motivos para acreditar que aconteceria durante a sua vida, mas viam com clareza o dever de se prepararem. O trabalho de doutrinar e organizar os outros recaiu naturalmente sobre os porcos, geralmente reconhecidos como os mais inteligentes entre todos os animais. Em posição de destaque entre os porcos, estavam dois varrões, chamados Snowball e Napoleon, que o Sr. Jones andava a criar para depois vender. Napoleon era um grande varrão Berkshire, de aspeto feroz, o único da sua raça na quinta, parco nas palavras mas com a reputação de conseguir sempre o que queria. Snowball era mais vivaço do que Napoleon, rápido nas palavras e mais inventivo, mas não consideravam que tivesse a mesma verticalidade em termos de carácter. Todos os outros porcos machos na quinta estavam destinados à engorda. Entre eles, o mais conhecido era um pequenito gorducho chamado Squealer, com bochechas muito redondas, olhos cintilantes, movimentos ágeis e uma voz esganiçada. Era um orador brilhante e, quando discutia algum tópico complexo, tinha o hábito de saltitar

de um lado para o outro e de sacudir a cauda, algo que era inexplicavelmente muito persuasivo. Os outros diziam que Squealer conseguia vender algo preto como branco.

Estes três tinham aperfeiçoado os ensinamentos do velho Major, criando um complexo sistema filosófico a que deram o nome de Animalismo. Várias noites por semana, depois de o Sr. Jones adormecer, organizavam assembleias secretas no celeiro e explicavam os princípios do Animalismo aos outros. No início, enfrentaram muita estupidez e apatia. Alguns dos animais falavam do seu dever de lealdade para com o Sr. Jones, a quem se referiam como “Amo”, ou faziam comentários básicos, como “O Sr. Jones dá-nos de comer. Se ele desaparecesse, morreríamos à fome”. Outros faziam perguntas como “O que é que nos interessa o que acontece depois de estarmos mortos?” ou “Se esta Revolta vai acontecer de qualquer modo, que diferença faz trabalharmos ou não para ela?” e os porcos tiveram grandes dificuldades em fazê-los ver que tal era contrário ao espírito do Animalismo. As perguntas mais idiotas eram feitas por Mollie, a égua branca. A primeira pergunta que fez a Snowball foi:

— Vai continuar a haver açúcar depois da Revolta?

— Não – respondeu Snowball, com firmeza. – Não temos meios para produzir açúcar nesta quinta. Além disso, não precisará de açúcar. Terás toda a aveia e feno que quiseres.

— E ainda poderei usar fitas na crina? – perguntou Mollie.

— Camarada – disse Snowball –, essas fitas de que tanto gostas são a insígnia da escravatura. Não consegues perceber que a liberdade é mais valiosa do que laços?

Mollie concordou, mas não pareceu muito convencida.

Os porcos tiveram ainda mais dificuldades em neutralizar as mentiras espalhadas por Moses, o corvo domesticado. Moses, o estimado animal de estimação do Sr. Jones, era um espião e um

linguarudo, mas também um orador inteligente. Afirmava saber da existência de um país misterioso chamado Montanha do Açúcar, para onde iam todos os animais depois de morrerem. Ficava algures no céu, um pouco para lá das nuvens, dizia Moses. Na Montanha do Açúcar, era domingo todos os dias da semana, havia trevo o ano inteiro e nas sebes cresciam torrões de açúcar e bolos de linhaça. Os animais detestavam Moses, pois este só contava histórias e não trabalhava, mas alguns acreditavam na Montanha do Açúcar e os porcos tiveram de argumentar arduamente para os convencer de que esse local não existia.

Os seus discípulos mais fiéis eram os dois cavalos de tração, Boxer e Clover. Ambos tinham grande dificuldade em pensar por si próprios, mas, uma vez que tinham aceitado os porcos como seus mentores, absorviam tudo o que lhes era dito e transmitiam-no aos outros animais com argumentos simples. Estavam religiosamente presentes em todas as assembleias secretas no celeiro e conduziam a entoação de *Animais de Inglaterra*, que rematava sempre as assembleias.

Ora, ao que parece, a Revolta concretizou-se muito mais cedo e muito mais facilmente do que todos esperavam. No passado, o Sr. Jones, embora um amo severo, tinha sido um agricultor hábil, mas ultimamente estava a passar por um mau bocado. Ficara muito desanimado depois de perder dinheiro numa ação judicial e começara a beber mais do que devia. Passava dias inteiros refastelado na sua cadeira Windsor na cozinha, a ler os jornais, a beber e de quando em vez a dar a Moses côdeas de pão embebidas em cerveja. Os seus homens eram preguiçosos e desonestos; os campos estavam cheios de ervas daninhas; os edifícios precisavam de telhados novos; as sebes estavam esquecidas e os animais mal alimentados.

Chegou junho e o feno estava quase pronto para ser ceifado. Na véspera de S. João, um sábado, o Sr. Jones foi até Willingdon

e embebedou-se tanto no Red Lion que só regressou a casa ao meio-dia de domingo. Os homens ordenharam as vacas de manhã cedo e depois foram caçar coelhos, sem se darem ao trabalho de alimentar os animais. Quando o Sr. Jones regressou, foi imediatamente dormir para o sofá da sala de estar com o pasquim *News of the World* a cobrir-lhe a cara; assim, ao cair da noite, os animais ainda não tinham sido alimentados. Por fim, não aguentaram mais. Uma das vacas arrombou a porta do armazém com o chifre e todos os animais começaram a servir-se da ração. O Sr. Jones acordou precisamente nesse momento. Logo a seguir, ele e os seus quatro homens estavam já no armazém de chicotes em riste, distribuindo açoites a torto e a direito. Isto foi a gota de água para os animais esfomeados. Em unísono, sem que nada, no entanto, tivesse sido premeditado, precipitaram-se sobre os seus carrascos. Subitamente, Jones e os seus homens viram-se transformados no alvo de marradas e coices vindos de todas as direções. A situação ficou totalmente fora do seu controlo. Nunca tinham visto animais a comportar-se assim e esta súbita insurreição das criaturas que tão habituados estavam a pontapear e maltratar a seu bel-prazer assustava-os quase até à loucura. Após apenas breves instantes, desistiram de tentar defender-se e bateram em retirada. Um minuto depois, os cinco estavam em plena fuga pelo carreiro que ia dar à estrada principal, com os animais a persegui-los, triunfantes.

A Sra. Jones olhou pela janela do quarto, viu o que estava a acontecer, atirou à pressa alguns pertences para um saco de viagem e esgueirou-se pelo outro lado. Moses saltou do seu poleiro e esvoaçou atrás dela, crocitando ruidosamente. Entretanto, os animais tinham perseguido Jones e os seus homens até à estrada e lá os deixaram, fechando o pesado portão de grades. E assim, quase antes de perceberem o que se passava, a Revolta tinha sido bem-sucedida: Jones tinha sido expulso e a Quinta do Solar era deles.

Nos instantes iniciais, os animais nem queriam crer na sua sorte. O seu primeiro ato oficial foi galopar, em grupo, pelos limites da quinta, como que para garantir que não tinha ficado nenhum humano lá escondido; depois, voltaram a correr para os edifícios da quinta para apagar os últimos vestígios do odiado reinado de Jones. A casa dos arreios nas traseiras dos estábulos foi arrombada; os freios, as argolas para o focinho, as correntes dos cães, as cruéis facas com que o Sr. Jones castrava os porcos e os cordeiros, tudo atirado ao poço. Rédeas, cabrestos, palas, as degradantes cevadeiras... tudo atirado para a fogueira que ardia no pátio. Os chicotes tiveram o mesmo destino. Todos os animais pularam de alegria quando viram os chicotes em chamas. Snowball também atirou para as chamas as fitas que enfeitavam as crinas e as caudas dos cavalos em dias de feira.

— As fitas – disse – devem ser consideradas roupa, que é uma marca distintiva dos seres humanos. Todos os animais devem andar nus.

Ao ouvir isto, Boxer foi buscar o pequeno chapéu de palha que usava no verão para proteger as suas orelhas das moscas e atirou-o também para a fogueira.

Em pouco tempo, os animais tinham destruído tudo o que os lembrava do Sr. Jones. Napoleon depois conduziu-os de volta ao armazém e distribuiu uma ração dupla de cereais a cada um e dois biscoitos a cada cão. Logo a seguir, cantaram *Animais de Inglaterra* de uma ponta à outra setes vezes seguidas e, depois disso, deitaram-se e dormiram como nunca tinham dormido.

Mas acordaram ao alvorecer como era habitual e, de repente, lembrando-se do glorioso acontecimento da véspera, correram juntos para o pasto. Um pouco adiante na pastagem havia um outeiro sobranceiro à quinta. Os animais apressaram-se a subi-lo e olharam à sua volta na luz clara da manhã. Sim, era tudo deles

– tudo o que os seus olhos conseguiam alcançar era deles! Extasiados com tal pensamento, rodopiavam aos saltos, lançavam-se ao ar em grandes pulos de entusiasmo. Rebolavam-se no orvalho, enchiam a boca com a erva terna do verão, levantavam torrões de terra negra e absorviam a sua rica fragância. Depois, fizeram uma ronda por toda a quinta e admiraram em silêncio a terra lavrada, o campo de feno, o pomar, o bebedouro, o bosque. Era como se nunca antes tivessem visto estas coisas, e mesmo agora quase nem conseguiam acreditar que era tudo deles.

Regressaram depois em fileira aos edifícios da quinta e detiveram-se em silêncio à porta da casa grande. Também esta era deles, mas tinham medo de entrar. Contudo, momentos depois, Snowball e Napoleon arrombaram a porta com os ombros e os animais entraram em fila indiana, caminhando com um cuidado extremo com medo de danificar alguma coisa. Em bicos de pés, foram de divisão em divisão com receio de pronunciar mais do que sussurros e contemplando com reverência o inacreditável luxo, as camas com colchões de penas, os espelhos, o sofá de pelo de cavalo, o tapete de Bruxelas, a litografia da rainha Vitória sobre a lareira da sala. Estavam mesmo a descer as escadas quando deram conta de que Mollie tinha desaparecido. Voltando para trás, foram dar com ela no melhor quarto. Tinha tirado um pedaço de fita azul do toucador da Sra. Jones e tinha-o colocado no ombro, enquanto se admirava ao espelho de uma maneira muito tola. Os outros repreenderam-na severamente e foram lá para fora. Alguns presuntos que estavam pendurados na cozinha foram retirados e enterrados lá fora e o barril de cerveja na copa foi esmagado por um coice de Boxer; tirando isso, não tocaram em mais nada da casa. Foi imediatamente aprovada por unanimidade a resolução de que a casa grande deveria ser preservada

como museu. Todos concordaram que nenhum animal deveria viver ali.

Os animais tomaram o seu pequeno-almoço e depois Snowball e Napoleon convocaram-nos novamente.

— Camaradas – disse Snowball –, são seis e meia e temos um longo dia pela frente. Hoje começaremos a ceifar o feno. Mas há outro assunto a tratar primeiro.

Os porcos revelaram então que ao longo dos últimos três meses tinham aprendido a ler e a escrever a partir de uma antiga cartilha que pertencera aos filhos do Sr. Jones e que tinha sido atirada para o monte do entulho. Napoleon pediu que fossem buscar latas de tinta preta e de tinta branca e conduziu os animais até ao portão de grades que dava para a estrada. Em seguida, Snowball (pois era Snowball quem sabia escrever melhor) pegou num pincel entre os dois dedos do seu casco, cobriu de tinta as palavras “Quinta do Solar” na grade mais alta do portão e em seu lugar pintou “Quinta dos Animais”. Este seria o nome da quinta a partir de agora. Depois disto, regressaram aos edifícios da quinta, onde Snowball e Napoleon mandaram buscar uma escada que fizeram encostar à parede do fundo do celeiro grande. Explicaram que, através dos seus estudos nos últimos três meses, os porcos tinham conseguido resumir os princípios do Animalismo a Sete Mandamentos. Esses Sete Mandamentos seriam agora inscritos na parede: constituiriam uma lei imutável, segundo a qual todos os animais na Quinta dos Animais se deveriam reger para sempre. Com alguma dificuldade (pois para um porco não é fácil equilibrar-se em cima de uma escada), Snowball subiu e pôs patas à obra, com Squealer alguns degraus abaixo a segurar na lata de tinta. Os Mandamentos foram escritos numa parede coberta de alcatrão em grandes letras brancas que podiam ser lidas a trinta metros de distância. Declaravam:

OS SETE MANDAMENTOS

1. *Tudo o que anda em duas pernas é um inimigo.*
2. *Tudo o que anda em quatro patas ou que tem asas é aliado.*
3. *Nenhum animal usará roupa.*
4. *Nenhum animal deverá dormir numa cama.*
5. *Nenhum animal deverá beber álcool.*
6. *Nenhum animal deverá matar outro animal.*
7. *Todos os animais são iguais.*

Foi tudo escrito com uma letra bonita e, com exceção de “aliado” estar escrito “alaido” e de um “s” estar ao contrário, não tinha erros ortográficos. Snowball leu-os em voz alta em prol dos outros animais. Todos os animais assentiram com a cabeça e os mais espertos logo começaram a decorar os Mandamentos.

— Agora, camaradas – gritou Snowball, atirando o pincel ao chão –, todos ao campo de feno! Tomemos como nosso ponto de honra fazer a ceifa mais depressa do que Jones e os seus homens conseguiam.

Mas, nesse momento, as três vacas, que já há algum tempo pareciam estar desconfortáveis, começaram a mugir alto. Não eram ordenhadas há vinte e quatro horas e os seus úberes estavam quase a rebentar. Depois de pensar um pouco, os porcos mandaram buscar baldes e ordenharam as vacas com razoável sucesso, já que os seus cascos estavam bem preparados para esta

tarefa. Rapidamente encheram cinco baldes de leite cremoso, cheio de espuma, para os quais os animais olhavam com um interesse considerável.

— O que irá acontecer a esse leite todo? – perguntou alguém.

— Às vezes, Jones costumava misturar algum na nossa ração – disse uma das galinhas.

— Esqueçam o leite, camaradas! – gritou Napoleon, colocando-se à frente aos baldes. – Trataremos disso depois. A ceifa é mais importante. O camarada Snowball conduzir-vos-á. Eu irei ter convosco daqui a uns minutos. Em frente, camaradas! O feno aguarda-nos.

Assim, os animais desceram até ao campo de feno para começar a ceifa e, quando regressaram, ao final da tarde, repararam que o leite tinha desaparecido.